



Crises, desafios e oportunidades

Por A. Domingues de Azevedo, presidente da Direcção da CTOC

Os meios de Comunicação Social têm vindo a dar ênfase à hecatombe financeira que assola o mundo, invadindo-nos com uma série de notícias que acabam por criar nos cidadãos uma espécie de psicose geradora de alguma impotência perante os efeitos da crise.

Não sou jornalista e, por isso, não sei se existe uma forma diferente de comunicar. Mas parece-me que seria muito mais construtivo que a Imprensa procurasse também inculcar nos cidadãos a necessidade e urgência de sair da crise e a melhor forma de a combater.

Os Técnicos Oficiais de Contas (TOC), como cidadãos e profissionais, não estão imunes aos efeitos gerados pela crise e, naturalmente, terão também problemas.

Mas, dadas as especificidades da profissão e a estrutura do tecido empresarial português, onde predominam as pequenas e médias empresas, este poderá ser o momento ideal para que se dê o salto qualitativo que se impõe.

Na verdade, a concepção de um TOC esgotada na recepção, ordenação, classificação e lançamento de documentos, é redutora e em nada corresponde às efectivas capacidades dos profissionais nem às expectativas e necessidades do nosso tecido empresarial.

O TOC tem que ser, acima de tudo, um parceiro das empresas e dos empresários nas tomadas de decisão que a gestão implica.

Não só porque construímos a informação económica das empresas, mas também porque nos exigem uma grande polivalência no desempenho das nossas funções, somos os profissionais melhor preparados para desempenhar o papel de consultoria juntos das entidades a quem prestamos os nossos serviços.

Esta crise financeira, a mais profunda e estrutural desde há muitos anos, poderá constituir, por isso, excelente oportunidade para os TOC darem iní-

cio a uma forma diferente de estar e desenvolver a sua profissão.

Por outro lado, a implementação do novo sistema de normalização contabilística, designado por SNC, com maiores ou menores alterações, entrará brevemente em vigor, exigindo dos TOC reajustamentos significativos, obrigando-os a um domínio absoluto das contabilidades pelas quais são responsáveis.

Será aconselhável que os profissionais, no mínimo de três em três meses, analisem a evolução das contabilidades, discutam com os empresários o porquê das variações verificadas e formulem conselhos sobre as inúmeras decisões que será necessário tomar.

Este é o perfil de profissional que desde há muito perseguimos e que temos tentado construir com uma série de iniciativas, infelizmente nem sempre bem compreendidas, mas cujos resultados darão, não tenho dúvidas, bons e oportunos resultados.

Continuar a conceber o profissional numa óptica de receber, ordenar, classificar e lançar documentos é ter uma visão minimalista do importante papel que para ele está reservado no quadro da dinâmica da economia portuguesa.

O “novo” Técnico Oficial de Contas estabelece uma cumplicidade positiva com os seus clientes ou entidades patronais, acabando por se transformar numa imprescindível mais-valia para a gestão e não um custo que é necessário suportar sem que nele se veja uma contrapartida válida.

No dia em que assumirmos o papel que nos cabe desempenhar na economia, ocupando o lugar e o espaço referidos, não mais nos preocuparemos com as avenças de miséria nem com o comportamento indigno que, neste domínio, temos vindo a observar a alguns dos nossos colegas.

Fica o desafio. Estamos convictos que a maioria o irá aceitar, convertendo os desafios da actual crise em oportunidades. ■